

AS DIFERENÇAS E A EXCLUSÃO NO COTIDIANO FAMILIAR

Joyce Cardoso Figueira e

Zeila Marize Sardá⁹

Resumo - Dentre as transformações ocorridas na sociedade, observa-se que o convívio com as diferenças entre os membros de uma família é um tema que requer reflexão. Apesar das mudanças científicas que permearam o século XX, o aprendizado da tolerância e da ética encontra-se longe do que se poderia aspirar como ideal. Fazendo referência à ótica das convivências das sociedades, culturas e nações, o que se percebe é a preponderância da intolerância e da exclusão. O objetivo deste estudo é discutir o quanto o convívio familiar revela dessa prática. A liberdade pregada e idealizada nos séculos anteriores, paradoxalmente, favoreceu e incrementou a intolerância e a exclusão na sociedade ocidental. É freqüente, na prática de clínica de famílias, encontrar-se a exclusão ou rompimento como forma de convívio com um membro que é diferente e que costuma questionar valores, crenças e os intocáveis mitos familiares. Evidenciam-se as relações de poder e subjugação que aí se encontram embutidas. Estrutura-se um jogo de forças, no qual todo o sistema perde, um jogo sem vencedores. Em tempos passados era comum mandar matar os diferentes, os que, de alguma forma, abalavam a estrutura de poder. Hoje, a ética não permite a eliminação por morte. Mata-se no campo psicológico, excluindo-se. Surge, portanto, como um tema emergente, no início do século XXI, a questão das diferenças e da exclusão, do aprendizado com o convívio, com o respeito e com a ética.

Palavras-chave: diferença, exclusão, rompimento, tolerância, ética

Abstract - Among the transformations that occur in the society, it is noticed that living with the differences between the members of a family is something that requests reflections. In spite of the scientific changes occurred in the twentieth century, the learning of tolerance and ethics is far from what is supposed to be ideal. Referring the view of the living of societies, cultures and nations, is observed the preponderance of intolerance and exclusion. The objective of this study is to discuss how much the family's living reveals of this practice. The liberty preached and idealized in the previous centuries, paradoxically, increased the intolerance and exclusion in the occidental society. It is frequent in the practice of clinics of families to find the exclusion or disruption as a form of living with a member, who is different, and who frequently questions about values, beliefs and the exclusion in the occidental society. The relations of power and subjugation found inserted in it are evidenced. A game of forces is structured, in which all the system loses, a game with no winners. In the past, to order to kill the strangers, the ones that in some way affected the structure of power, was something common. Nowadays, the ethics doesn't allow the elimination by death. The kill happens in the psychological field, excluding. Then appears, as an emerging theme in the beginning of the century XXI, the question of differences and of exclusion. The question of the learning with the living, with the respect, and with the ethics.

Key-words: differences, exclusion, disruption, tolerance, ethics.

O convívio com o diferente é difícil, requer tolerância, respeito, generosidade...

Valores distantes da prática diária no mundo ocidental, permeado pela competição, pela luta

⁹ As autoras são psicólogas clínicas e terapeutas familiares.

pela sobrevivência, no qual cada um dos indivíduos encontra-se centrado em si mesmo apenas. Não há tempo nem espaço para mais ninguém, para mais nada. O homem atual criou uma capa invisível que o cega para o que acontece ao seu lado. Não enxerga as criaturas em sofrimento, os fatos desumanos e as atrocidades. Tal capa o impede de ver-se através do outro, não se identificando com o sentimento alheio porque não se reconhece no semelhante, mas o encara apenas como diferente, distante e sem nenhuma conexão consigo próprio.

O ideal de liberdade proporcionou o rompimento com a solidariedade. Baseado no "meu direito de liberdade" posso desrespeitar, desqualificar quem diverge de mim. Adquiro o direito de excluir e isolar, ou simplesmente, ignorar. Na atualidade, o que se faz urgente, é o aprendizado da convivência com as diferenças. Ainda não aceitamos o que diverge de nós. Os movimentos de luta contra o racismo continuam se proliferando simplesmente porque ainda a humanidade não conseguiu alcançar a convivência ética com as diferenças. Ainda se mata quem é diferente.

A idéia da tolerância com a diferença leva-nos a pensar no sentido do pluralismo de raças, etnias, culturas e tradições e a perceber o quanto a humanidade está distanciada do convívio pacífico entre os mais variados povos. Trata-se de uma luta permanente na história das civilizações, pois o ser humano tende a rechaçar o que difere de si próprio. Apesar de a evolução científica e tecnológica encontrar-se em um nível surpreendente, em termos éticos, ainda tratamos os semelhantes a paus e a pedras, como no tempo das cavernas.

Os sentimentos são universais, mas é a experiência da subjetividade que nos proporciona a identidade com suas qualidades e vicissitudes, prazeres e dissabores. É possível observar dois níveis paralelos e simultâneos: o da igualdade e o da diferença. Aprender a contrabalançar esses dois níveis, de que somos tão iguais e, também, totalmente diferentes, talvez possa ser a chave para conflitos tão antigos entre os seres humanos.

Queremos, aqui, observar a exclusão e o rompimento com o diferente pela ótica da violência. A violência psicológica, utilizada como forma de punição aos membros que abalam, ou melhor, desafiam as estruturas do sistema. Sabemos que o homem é um ser social e, mais que isso, relacional. Só é humano quando está em relação. O aspecto humano não sobrevive isoladamente. Como as demais formas de violência, esta também é bastante cruel. Elimina a idéia de Amor, concebida por H. Maturana, como aceitação do outro tal qual como ele é, diferente de mim. Aliás, o amor é o que funda o social.

Estamos falando, aqui, de uma violência sutil, quase imperceptível a quem está de fora, mas uma das piores violências: a violência psíquica e relacional, que desqualifica e anula o outro por, simplesmente, desconsiderá-lo, tratá-lo como se não existisse. É a violência do abandono, da qual dificilmente é obtida superação. Nesse universo, família e sociedade são reflexos uma da outra. No convívio familiar, o indivíduo que escapa ao padrão tende a ser excluído, punido, pressionado. Não raro, por exemplo, o indivíduo em processo de psicoterapia individual, após algumas mudanças, pode vir a sofrer algum tipo de punição de seu meio familiar.

Em uma breve análise sobre o formato da família atual, observa-se que seu tamanho e estrutura diminuíram, comparativamente, às famílias do início do século XX. Não é fato recente, mas, desde o advento da pílula anticoncepcional, as famílias reduziram drasticamente o número de filhos, principalmente nas classes socioeconômicas mais favorecidas. Mesmo em países de origem latina como o Brasil, já se encontra escasseado o convívio com a "grande família" extensa. Nos grandes centros urbanos, há uma forte tendência que privilegia o convívio da família nuclear – formada de pai, mãe e, no máximo, dois filhos (isso quando a família não é encabeçada apenas por uma figura parental), portanto, por exemplo, romper com um irmão em uma família composta por dois filhos apenas, significa romper com todos.

Além disso, os padrões de relacionamento familiar em nossa sociedade, em quase todas as classes socioeconômicas são marcados ainda por uma forte luta pela sobrevivência, como já nos referimos no início deste trabalho. Os subsistemas executivos de uma família necessitam cada vez mais de um maior número de horas de trabalho para garantia das condições de sua própria vida e de sua prole. O tempo para o convívio familiar diminuiu e, em muitos casos, não é uma prioridade. Embora as facilidades na tecnologia de comunicação sejam inúmeras, o fato é que as pessoas estão mais distantes entre si. A forma como os relacionamentos estão sendo construídos favorece a distância e o padrão de afastamento familiar.

No âmbito familiar, a intensidade do convívio é muito forte, pela proximidade e pela intimidade que lhe é peculiar. É uma vivência psíquica que povoa os sonhos e as demais relações que se estabelecem posteriormente. Existem os laços consangüíneos, e a história familiar que une a todos os membros. Torna-se, praticamente inevitável, o convívio com pessoas que desagradam e irritam. O fórum familiar é o espaço ou contexto que deveria possibilitar a chance deste aprendizado através da utilização da flexibilidade e da criatividade para o desenvolvimento de relações mais amplas e profundas. Quando as famílias não

dispõem dessas possibilidades, o rompimento pode ser o recurso utilizado para lidar com as diferenças. Nesse caso, a noção de identidade fica prejudicada porque torna o membro excluído vulnerável e sem sustentação. Sem continente. Sem a noção de pertencimento.

As diferenças assustam. Ameaçam por não estarem de acordo com o estabelecido, com as verdades sacramentadas. Provocam medo, insegurança e desconfiança. O membro diferente destoa do seu grupo de origem. Desafia as regras e a ordem. Por outro lado, o semelhante é o espelho refletido, no qual é mais fácil encontrar os detalhes de beleza e as qualidades. Desprezamos suas idiossincrasias em detrimento da identificação e da consolidação do sentimento de grupo, por estar identificado com ele, o semelhante é tratado como um prolongamento do "eu".

Aceitar que o outro é diferente abala as estruturas de poder. Pode revelar fragilidades ocultas. É ter que consentir que ele não é uma parte minha, mas um "outro", desligado e diferente do "eu". E mais, esse outro diferente, explicita coisas que deveriam ficar escondidas, tais como temas míticos, questões de poder, e problemas que causam desconforto à maioria dos membros da família. Lembremos que a loucura foi, por muito tempo, uma forma fácil de nos livrarmos dos indesejáveis. Os manicômios e os hospícios tinham uma função de depósito de material humano descartado.

É, no entanto, somente através da diferença que pode se dar o aprendizado. O que é igual pouco tem a oferecer e a acrescentar no repertório do que já se conhece. Através da convivência com as diferenças, torna-se possível fazer descobertas, manter a curiosidade e aumentar o leque de recursos já adquiridos anteriormente. Surge a possibilidade de crescer e evoluir.

As famílias com tendência a apresentar rompimentos refletem um padrão interacional rígido e inflexível, o que possibilita que se exclua um membro por muitos anos a fio. E é neste ponto também que se sobressaem as questões de poder e subjugação do outro. Nesse contexto, a sensibilidade é percebida como fraqueza. O perdão não consta no vocabulário desses grupos, sendo caracterizado como gesto de fraqueza, porém, paradoxalmente, observa-se que é na onipotência que mora a fraqueza já que o onipotente não percebe seus próprios limites e restrições. E, ao contrário, ter a consciência da fragilidade proporciona uma visão mais abrangente e, em consequência, fortalece o indivíduo ou grupo familiar, pois possibilita uma visão mais real de si e de suas condições.

Retomando a obra de Bowen, fica visível que o padrão relacional de rompimento pode manter um membro excluído por muito tempo. Caracteriza-se pelo excessivo desligamento chegando, em alguns casos, a não haver relacionamento ou nenhuma espécie de envolvimento. Em outras situações, se estabelece por relações supérfluas com o intuito de manter a distância desejada. Conforme Aylmer (1995, p.180) o rompimento

pode ocorrer zangada e subitamente, com extrema amargura e projeção, ou gradual e inocuamente ao longo dos anos e das gerações, sem causa aparente. Os rompimentos roubam das famílias a sua essência e vitalidade e contribuem para um sentimento de vazio e vulnerabilidade nos membros que elas lançam, mas não apóiam.

É difícil para os membros desses grupos estarem suficientemente diferenciados para poderem apreciar o outro na sua diferença, podendo ele ser aceito somente quando estiver misturado na semelhança, ou seja, quando defende as mesmas idéias e valores propostos pelo grupo de origem. Mesmo que tenha uma consciência crítica diferente, não pode se manifestar. O preço em fazê-lo é a exclusão e o isolamento, a sensação de vazio e de não-pertencimento. A convivência hipócrita, se não for transformada em sincera, leva à destruição do outro, ou, no melhor dos casos, à separação. (MATURANA, 1992). Esse tipo de padrão de relacionamento (rompimento) é difícil de ser modificado. Por vezes, pode estar arraigado há muitos anos, por gerações a fio. Requer alta dosagem de energia para que a distância seja mantida. O sistema se separa e se isola. Todos perdem.

A indiferença, o descaso e o abandono são alguns dos elementos usados para a construção das gigantescas muralhas psicológicas que se erguem entre os membros de uma família. São as muralhas da exclusão. E por serem tão bem construídas, tais muralhas são difíceis de derrubar. E, quando o são, um preço alto já foi pago com mágoas, desgastes, sofrimento. A vida não volta atrás.

A idéia de alterar posturas e atitudes com membros com os quais se desenvolveram rígidos padrões de distância (conforme propunha Bowen), com a finalidade de compartilhar continuamente o "eu" sem reatividade a esses membros da família, requer o desenvolvimento de uma consciência que favoreça a superação dos traumatismos embutidos no processo. É necessário contar com a chance de reparação para feridas emocionais há muito abertas, que

causaram dores insuportáveis. É preciso, portanto, contar com os sentimentos de perdão, generosidade, solidariedade e tolerância, ou, simplesmente, com Amor.

O difícil é deixar a verdade e aceitar o entendimento, deixar as coisas e aceitar os processos que lhes dão existência, e tal passo é sempre um passo individual. Não se trata de destruir o mundo que temos para criar um ideal, se trata de assumir o mundo que temos no entendimento de que só o temos com o outro, e que é só a partir da convivência que a razão tem valor. Onde a verdade nos perde, o amor nos salva, pois nos faz humanos ao ampliar nosso viver no âmbito da coexistência (MATURANA, 1992, p.299).

A partir daí, então, é possível pensar no crescimento, nos ganhos e no resgate das relações. Será possível pensar em acrescentar, ganhar, trocar e aprender com o outro, com a diferença. Posso dar o que tenho de sobra e receber o que não disponho, tolerar o que para mim é de difícil aceitação e ser aceito na total integridade do que cada um é, porque só ao lado do outro é que nos tornamos humanos

Referências bibliográficas

AYLMER, C. Robert. O lançamento do jovem adulto solteiro. In: CARTER, MCGOLDRICK, As mudanças no ciclo de vida familiar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

NICHOLS, SCHWARTZ. Terapia familiar – conceitos e métodos. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MATURANA, Humberto. El sentido de lo humano, 1992.